



ISSN 2359-6597

MORAL PROVISÓRIA EM RENÉ DESCARTES

Jean Rodrigo Pinheiro*

Junior Lago**

Resumo: Para este artigo pretende-se expor a ideia do filósofo René Descartes de uma moral provisória, explicada ou demonstrada, na terceira parte do livro do Discurso do Método. Pretende-se apresentar as quatro máximas da moral provisória de Descartes, e entender um pouco sobre por que esta é provisória e não definitiva. Colocar-se-á o pensamento de Descartes fazendo uma ligação com a filosofia estóica¹, e ainda mostrando a continuidade de seu pensamento racionalista nas Meditações. Quer-se, assim, apenas expor este discurso de Descartes, de modo com que se possa entender melhor sua intensão, no que leva a vontade de conhecer a verdade sobre as coisas.

Palavras-chave: Moral provisória. Descartes. Razão. Verdade.

Introdução

É com o uso da provisoriedade que René Descartes encontra a sua moral. Para que haja um método, estudo metódico é necessário uma avaliação do conhecimento adquirido até aquele momento. O filósofo faz esta avaliação a partir da colocação da moral provisória. Podemos nos perguntar do porque de esta moral ser provisória e não definitiva? Mas, o filósofo logo responde, quando fala da segunda máxima da moral provisória, que as opiniões que nos são geradas, no percurso da vida, não podem ser taxadas como errôneas ou como falsas:

Ainda que não notemos mais probabilidades numas que nas outras [opiniões] mesmo assim devemos nos determinar por algumas, e considera-las depois, não

*Acadêmico do IV semestre do curso Filosofia da Faculdade Palotina (FAPAS), Santa Maria - RS – E-mail: jean.rodriigo.p@hotmail.com

** Acadêmico do IV semestre do curso de Filosofia da Faculdade Palotina (FAPAS), Santa Maria - RS – E-mail: lagojunior95@live.com

¹ Pensamento filosófico antigo que durou cerca de 500 anos, começando com Zenão de Cício (300 a. C.) e terminando com Marco Aurélio (séc. II).

mais como duvidosas, no que diz respeito à prática, mas como verdadeiras e muito certas, por que a razão que a isso nos determinou o é (DESCARTES, 1996, p. 30).

Assim, Descartes nos infere uma determinação da razão em relação ao conhecimento experimental das coisas. É por meio da razão que se pode chegar ao conhecimento verdadeiro, porém não se pode descartar o método encontrado para chegar a este conhecimento, ou ainda, não se descarta todas as vias e possibilidades utilizadas para o fim esperado do conhecimento. Por isso, o filósofo usa o termo provisório, já que é preciso sempre lembrar o caminho percorrido, sem eliminá-lo.

Logo no início da terceira parte do Discurso do Método, Descartes apresenta uma pequena analogia, comparando a necessidade de uma reflexão interior, antes mesmo do próprio método, à construção de uma casa.

Antes de começar a construir a casa onde moramos, não basta demoli-la, prover-nos de materiais e de arquitetos, ou nós mesmos exercemos a arquitetura e além disso ter-lhe traçado cuidadosamente a planta, mas também é preciso providenciar uma outra, onde nos possamos alojar comodamente enquanto durarem os trabalhos (DESCARTES, 1996, p. 27).

Assim, Descartes utiliza-se desta analogia para explicar a necessidade de sair do meio social para uma perfeita análise de pensamento sobre o conhecimento.

Para começarmos a pensar na estrutura do conhecer, é necessário antes, como na construção da casa, pensar no método e, assim, criar uma estratégia de raciocínio ou de caminhos necessários. Pois não é possível estar certo de algo, ou dizer que aquele conhecimento, até então experimentado, é ou não é um conhecimento verdadeiro ou falso. Não é possível chegar à resposta final estando em dúvida sobre a sua crença. Por isso, Descartes encontra na análise dos seus preceitos morais já vividos, o caminho para uma reflexão do discurso do método.

1 Primeira máxima da moral provisória: obediência

Para iniciar, Descartes apresenta a sua primeira máxima da moral provisória. Para isso foi necessário, segundo o próprio filósofo, um isolamento da sociedade, para a não corrupção do pensamento. Faz uma espécie de rememoração dos fatos já vividos, analisa seu comportamento e segue na reflexão:

A primeira era de obedecer às leis e aos costumes de meu país, conservando com constância a religião na qual Deus me deu a graça de ser instruído desde minha infância, governando-me em qualquer outra coisa segundo as opiniões mais

moderadas e mais afastadas do excesso, que fossem comumente aceitas e praticadas pelas pessoas mais sensatas entre aquelas com quem teria que conviver (DESCARTES, 1996, p. 27).

Descartes utiliza essa primeira máxima como uma forma de simplesmente viver no meio social. É a forma mais sensata e simples de ser e alcançar a felicidade, porém de um jeito muito mais comum e sem muitas explicações.

É necessário fixar-se nas normas sociais, e se engajar ao mesmo serviço daqueles que são sensatos e honestos, daqueles que possuem virtudes, daqueles que sabem conviver bem. Pois, é preciso, antes de formular ou seguir qualquer método, antes de criar e reforçar o conhecimento, adaptar-se a realidade. Para Descartes, é preciso uma interação com os homens sensatos para a observação daquelas crenças que, até então, são duvidosas.

Pode-se perceber que mesmo nas pessoas mais sensatas, Descartes encontra o problema da corrupção humana, no que se trata do bem agir. Notemos que no meio social há a necessidade do bem falar, e julgar os atos, mas não há uma capacidade de observar nossa própria conduta. O filósofo diz que não se pode analisar aquilo que se diz, mas simplesmente as ações, pois a sensatez encontra-se na prática do bem agir, e não no discurso.

Também notemos a dificuldade que Descartes encontra no que tange ao expressar sua opinião. As pessoas, devido ao costume, são acomodadas quando se trata da análise de uma opinião. Seria mais fácil aceitar uma opinião prática e sem muitos excessos, pois o excesso pode ser mau:

E em várias opiniões aceitas, só escolhi as mais moderadas; não só por que são sempre as mais cômodas para a prática, e verossimilmente as melhores, pois todo o excesso costuma ser mau, mas também afim de me afastar menos do verdadeiro caminho, caso me enganasse, do que se, tendo escolhido um dos extremos, o outro devesse ser seguido (DESCARTES, 1996, p. 28).

Assim, Descartes acaba por desconsiderar os excessos como uma forma moral de viver na sociedade. Os excessos são sempre prejudiciais². Quando se trata de excessos de promessas, acabamos por mexer em nossa liberdade de agir e conduzir o viver comum. O filósofo não se opõe a lei e a cultura, e tenta viver de forma que seus juízos sejam sempre aperfeiçoados para que não se torne um dos piores homens, a partir do senso comum. Desse

² Começa aí a se formar uma ideia parecida com a ética estoica, onde há a necessidade de negar as coisas do mundo, aos prazeres do corpo, e buscar os prazeres do conhecimento, para chegar mais próximo ao que se é próprio do divino, o sábio.

modo, ele conclui a primeira máxima, reforçando a necessidade de considerar a vida comunitária, como caminho do método.

2 Segunda máxima: bem agir perante o saber

Nesta segunda máxima, Descartes apresenta necessidade da firmeza e resolução na compreensão de suas opiniões:

Minha segunda máxima era ser o mais firme e resoluto que pudesse em minhas ações, e não seguir com menos constância as opiniões mais duvidosas, uma vez que por elas me tivesse determinado, do que as seguiria se fossem muito seguras (DESCARTES, 1996, p. 29).

É claro que Descartes afirma nesta, segunda máxima, que é preciso uma vontade³ pelo conhecimento, e esta vontade deve ser firme e resoluto, mesmo que as opiniões sejam duvidosas, é necessário construir um caminho para o conhecimento. Alessandro Pimenta, em seu artigo sobre a moral cartesiana, escreve o seguinte:

Sem sombra de dúvida, dois pontos básicos são apontados nesta máxima. Estes pontos são a resolução e a firmeza nas ações: é necessário seguir opiniões duvidosas como se elas fossem certas. Mas não se deve pensar que Descartes seria ingênuo de aconselhar a seguir opiniões que a razão diz estarem equivocadas. Ao contrário, deve-se seguir com firmeza e resolução aquelas que parecem ser as mais certas, ainda que não haja uma certeza absoluta (2012, p. 162).

Para Descartes, é necessária esta busca cautelosa pelo conhecimento. Ele explica isto fazendo uma analogia com um possível desorientar-se numa floresta, onde, ao conhecer as opiniões, antes acreditamos naquelas que nos ainda são duvidosas, mas que a partir da cultura tem um fundo verdadeiro, ou não acreditamos em nada, caindo assim numa floresta perdido. “Quem acredita em algo, mesmo sendo duvidoso, chegará sempre em algum lugar” (DESCARTES, 1996, p. 29).

3 Terceira máxima: vencer a si mesmo

Nesta máxima podemos ver um fundo de *scito te ipsum*⁴, onde despreza aquilo que é exterior para se resguardar ao pensamento de sua identidade:

³Esta vontade deve partir de um impulso natural, mas a partir da liberdade exprimida pela razão.

⁴Traduzindo do latim: “Conhece a ti mesmo”

Minha terceira máxima era sempre tentar antes vencer a mim mesmo do que a fortuna, e modificar antes meus desejos do que a ordem do mundo, e, geralmente, acostumar-me a crer que não há nada que esteja em nosso poder a não ser os nossos pensamentos (DESCARTES, 1996, p. 30).

Depois de ter refletido sobre as ações fora do mundo, e no meio civil, Descartes volta o seu olhar para uma questão mais interna e individual, analisando o seu eu. Não nega tudo o que disse, mas apenas troca o foco de sua reflexão.

Para que haja uma reflexão sobre a verdade, sobre o conhecimento, deve haver uma busca interior, e esta busca tende a felicidade interior. Porém, na busca pela felicidade, é necessário a negação do exterior em poder deixar tudo o que, aparentemente, é bom ao corpo, e buscar os prazeres do conhecimento. Para os estoicos⁵ apenas o sábio possui esta capacidade de viver plenamente a verdade, ser feliz e estar livre de erros:

Sábios estoicos jamais cometem erros. Seguros em sua compreensão da estrutura providencial do mundo, que é idêntica ao destino, que por sua vez é idêntica a vontade de Zeus, os sábios ordenam a vida de acordo com ela, assimilando sua vontade à vontade de Zeus, vivendo em conformidade com a natureza e, com isso, atingindo o fluxo sereno da vida (INWOOD, 2006, p. 65).

Descartes está convicto de que a sabedoria é capaz de, por si só, manter a felicidade, já que nos gera, assim como para os estoicos, um prazer ao entender que, ao pensar a razão, basta, e isto nos torna poderosos, ricos, livres e felizes. Mesmo sem ter tudo o que se deseja, o pensamento nos eleva a um estado praticamente de graça, pois nos torna pessoas favorecidas, mesmo que não seja na natureza ou na fortuna, mas em pensamento.

4 Quarta máxima: escolher

Para concluir, Descartes elabora sua quarta máxima, na qual apresenta a necessidade de escolha para a verdade e o bem:

Por fim, para conclusão de minha moral, acudiu-me passar em revista das diversas ocupações que os homens têm nesta vida para procurar escolher a melhor; e, sem nada querer dizer das dos outros, pensei que o melhor que tinha a fazer era continuar naquela em que me encontrava, isto é, empregar toda a vida em cultivar a minha razão, e progredir, o quanto pudesse, no conhecimento da verdade, seguindo o método em que me havia prescrito (DESCARTES, 1996, p. 32).

⁵Descartes se baseia no estoicismo para esta terceira máxima de sua moral provisória, quando afirma a felicidade dos sábios e a importância da reflexão sobre si. Isso nos leva a pensar a auto conservação estoica, onde o poder do sábio está em seu correto agir, sem sombra de erros, já que é semelhante ao dos deuses.

Dessa forma, Descartes mostra o seu cunho racionalista, colocando em cheque suas verdades até então adquiridas, para que se possa fazer o uso da razão e ajustar estas verdades, de modo que haja uma triagem das que realmente o significam.

Há uma análise bem clara disto nas suas *Meditações*:

Agora, pois, que meu espírito está livre de todos os cuidados, e que consegui um repouso assegurado numa pacífica solidão, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade em destruir em geral todas as minhas antigas opiniões. Ora, não será necessário, para alcançar esse desígnio, provar que todas elas são falsas [...], mas, uma vez que a razão já me persuade [...], o menos motivo de dúvida que eu nelas encontrar bastará para me levar a rejeitar todas (DESCARTES, 1983, p. 93).

E, assim, Descartes desfaz-se das opiniões mais errôneas, e tende a buscar, de forma racional, sempre a verdade, e nisto consiste sua moral provisória. Sendo que a vida é feita não do simplesmente viver, mas do viver em concordância com a verdade e com o bem. Vale lembrar que esta moral está em vista de uma busca incessante pelo conhecimento, e consiste numa parte do método de busca. Portanto, para esta busca, o filósofo reflete suas posições, isolado do mundo, limpa sua mente e parte para o conhecimento sem corrupção.

Referências

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução de Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Meditações**. 1983. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/pdfs/medita%20coesmetaf.descartes.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2014.

INWOOD, Brad (org). **Os Estoicos**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

PIMENTA, A. R. O pensamento moral em Descartes: notas sobre a inserção da reflexão moral no método e na metafísica cartesiana. **Pensando**: Revista de Filosofia (UFPI), v. 3, p. 132-155, 2012.